

Leon Brasil

6 MAI 1984

JORNAL DO BRASIL



Recuperação do mercado interno ainda demora

A PESAR do otimismo manifestado nos últimos dias pelo Ministro Delfim Neto, ainda parece cedo para se comemorar a volta da fase de crescimento da economia brasileira. Para muitos setores, o processo de ajuste não acabou e por algum tempo os indicadores econômicos refletirão esta situação.

O aumento das exportações, por exemplo, não chegou a se refletir nos índices de desemprego. Ao contrário do que se esperava, o desemprego cresceu muito nos meses de fevereiro e março, apresentando melhoras em março apenas na região metropolitana de São Paulo. Excetuando-se Rio e São Paulo, o desemprego deu um salto nas demais regiões metropolitanas, de acordo com as estatísticas do IBGE.

São dados preocupantes, pois significa que o mercado interno deve levar mais tempo para reagir. A renda dos assalariados vem sendo comprimida pela diferença entre os reajustes determinados pelo Decreto-lei 2.065 e a inflação real. Assim, a única maneira do mercado interno crescer hoje seria através do aumento do número de empregos. Se vem ocorrendo exatamente o inverso, ou seja, o emprego está diminuindo, os reflexos sobre as vendas internas são inevitáveis.

A opção feita pelo Brasil para ajustar a sua economia não deixa saída senão a de neutralizar a recessão através do crescimento das exportações. Não basta se obter apenas superávits comerciais (exportações menos importações); para fazer a economia crescer, é necessário que as exportações também aumentem, e a um ritmo maior do que o da queda das vendas no mercado interno.

As exportações brasileiras cresceram em níveis recordes nos primeiros meses do ano, mas, considerando-se que o comércio exterior ainda é pouco expressivo diante da dimensão do mercado interno, os efeitos sobre o emprego, infelizmente, não foram significativos.

O importante, entretanto, é que as exportações já estão funcionando como alavanca, fazendo pressão contra o processo recessivo, que parecia não ter fim.

A economia brasileira somente ficará mais aliviada a partir do momento em que a dívida externa se estabilizar. E isto, segundo o presidente do Banco Central, só vai ocorrer em 1987.